

A LEITURA E AS NOVAS FORMAS DE LER: UM BREVE HISTÓRICO

Lilia Aparecida Costa Gonçalves

RESUMO:

O objetivo deste artigo é apresentar brevemente um histórico da evolução da leitura e novas formas de ler, de acordo com o surgimento de novos suportes à leitura. Ao mostrar tais mudanças, pretende-se chamar a atenção para o impacto que as novas formas de ler causam nos leitores, bem como refletir sobre a leitura em nossa era atual.

Palavras-chave: leitura, leitor, suportes de leitura

ABSTRACT:

The goal in this article is to present briefly a history of the evolution of reading and new ways to read, according to the emergence of new media to reading. By showing such changes, it is intended to draw attention to the impact that the new forms of reading cause in readers as well as reflect about reading in our current era.

Keywords: reading, reader, reading media

1- Introdução

Durante um longo período, a oralidade foi a principal fonte de transmissão de conhecimentos culturais. O advento da escrita trouxe para a sociedade uma nova forma de expressar suas representações. Através do texto, essas representações passam para um modelo mais concreto e duradouro, no sentido de registro, favorecendo a reflexão que proporcionou, e ainda proporciona à humanidade uma concepção mais elucidadora de si e do mundo em que está inserida. A partir daí, as relações homem-sociedade-natureza não seriam mais as mesmas. Com o avanço das Novas Tecnologias da Informação

e da Comunicação (NTICs), deparamo-nos com questionamentos acerca dos novos suportes de leitura e das possíveis modificações que esses novos modelos podem trazer ao comportamento leitor. O presente trabalho objetiva trazer uma breve revisão teórica sobre as mudanças nos suportes de leitura e seu impacto nas formas de ler.

Tomamos como base teórica os estudos realizados por Bellei (2002), Chartier (1998), Fischer (2006), Koch (2010), Lévy (1996), Marcuschi (2003) e Ramal (2002). Esses autores entendem que a evolução nos modos de escrita e leitura gera conflitos por modificar padrões culturais e sociais; eles, também, esclarecem que tanto a escrita quanto a leitura vêm percorrendo um longo caminho de transformações até chegar à tela dos computadores; além disso, tais transformações possibilitarão novas formas de relacionamento com a produção e transmissão de conhecimentos.

Atualmente, as tecnologias da informação instauram uma nova fase da história da escrita e da leitura. Com a crescente popularização da internet, novas configurações sociais se estabelecem, alterando antigos conceitos sociais, pois tal como observa Bellei:

Trata-se da mudança da página para a tela que, alterando as formas de fluxo e recepção do conhecimento, coloca em xeque valores perenes da civilização ocidental, como a capacidade humana para produzir e absorver e produzir discursos complexos, a possibilidade de formação do indivíduo e de uma ética individual, e a capacidade de entendimento histórico. (BELLEI, 2002, p. 19).

Em outras palavras, não se trata apenas de uma mudança do papel impresso para a tela, mas de como essas mudanças influenciam no processo de leitura e no perfil do leitor através das técnicas inéditas de escrita e leitura, propondo novos pensamentos e novas atitudes.

2- Evolução: da argila ao livro impresso

O desejo de deixar para futuras gerações algum registro de seus pensamentos, suas atitudes, suas emoções, seus feitos históricos, sua cultura e sua identidade fez com que o ser humano procurasse aprimorar cada vez

mais os recursos utilizados para transmitir experiências e conhecimentos adquiridos nas mais diferentes áreas (FISCHER, 2006; CHARTIER, 1998). Nas sociedades em que não se conhecia a escrita, a transmissão da história era feita através da oralidade. Essa era a principal forma de manter vivo o valor cultural vigente. Contudo, muitos dados eram perdidos durante o relato de fatos, por conta da morte de pessoas mais velhas, ocasionando perdas irre recuperáveis de informação pelo grupo social (RAMAL, 2000). Emissor e receptor compartilhavam realidades próximas, o que permitia compreensões muito parecidas.

O surgimento da escrita foi um marco entre a pré-história e a história da civilização. Embora a utilização da escrita tenha surgido na Suméria, quatro milênios antes de Cristo (LAJOLO, 2009), Fischer (2006, p.13) afirma que a escrita inicialmente era destinada a fins contábeis, e pouquíssimas pessoas tinham motivos para aprender a ler, visto que a leitura se destinava principalmente para atender interesses econômicos. Desta maneira, seu uso era limitado a uma pequena casta.

A escrita era feita sobre tábuas de argila utilizando objetos pontiagudos de osso, metal ou marfim. Posteriormente, as tábuas foram utilizadas para inscrições comemorativas, votivas, relatos épicos e narrações históricas. Dessa forma, a escrita era ainda bem restrita no que diz respeito ao modo de se passar conhecimentos, deixando um espaço bem amplo para a comunicação oral que se mantinha presente nas mais diversas situações, tais como discursos do rei, histórias épicas contadas ao público, contos de lendas passados de boca em boca pelos mais velhos, entre outras. No entanto, durante essa época, “a leitura foi um meio; ainda não era um canal” (FISCHER, 2006, p.19), pois não tinha como principal objetivo a aquisição de conhecimento. A maior parte do conhecimento social ainda era transmitida oralmente, não sendo nem escrito.

A era da argila dá lugar aos rolos de papiro e, devido a sua materialidade, enrolado sobre dois suportes de madeira, o papiro não permitia que fossem feitas comparações de diferentes fragmentos do texto durante a sua leitura, pois o leitor precisava das duas mãos para desenrolá-lo. Fischer (2006, p. 44) nos diz que a visualização de cada quadro sequencial era visto de modo

separado, similarmente ao que fazemos hoje, ao 'rolarmos' as páginas na tela do computador. A leitura era linear e contínua como o formato do livro em papiro, contribuindo à manutenção da tutela da oralidade.

O desejo de maior interação social, a preocupação com a preservação da cultura de vários povos e o resgate de sua história aliados a uma nova necessidade impulsionaram uma nova revolução, a criação do pergaminho e, logo após, o códice.

Com o códice, as páginas podiam ser viradas e escritas em ambos os lados, a organização textual era feita em duas colunas, eram usados símbolos para marcar os parágrafos e as primeiras letras das palavras eram maiores. Ao contrário do rolo de papiro, o códice podia ser lido sendo segurado somente por uma das mãos, o que permitia a inserção de anotações e comentários acerca do texto lido. Esse novo formato dissocia o texto da oralidade e do ritmo imposto por ela. Surgia, assim, uma nova dimensão de expressão cultural (FISCHER, 2006).

Com a escrita, torna-se possível o resgate do passado sem que haja a necessidade de leitor (receptor) e autor (emissor) terem participado dele, diferentemente das culturas anteriores à escrita em que o discurso feito pelo narrador fazia parte do seu contexto, assim como do seu ouvinte. Afinal, de acordo com Lévy (1996, p. 38),

virtualizante, a escrita dessincroniza e deslocaliza. Ela fez surgir um dispositivo de comunicação no qual as mensagens muito frequentemente estão separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e portanto são recebidas fora do contexto. Do lado da escrita, foi portanto necessário refinar as práticas interpretativas.

A memória, agora preservada pela escrita, está sujeita a diversas produções de sentido, uma vez que o texto, agora não mais oral, não está temporalmente associado ao seu contexto de produção e pode ser difundido em todos os lugares. Entretanto, o conhecimento era somente acessível à aristocracia e ao clero, que o usavam como forma de poder e manipulação.

Em meados do século XV, na Alemanha, a "Era do Pergaminho se dobrava diante da Era do Papel" (FISCHER, 2006, p.187). O alemão Johannes Gutenberg inventara a prensa de parafuso. Esse fato provocou transformações

não somente nas práticas de escrita e leitura, mas de toda ordem na sociedade da época. De fato, inaugurou uma nova fase intelectual e social da história, pois, a arte de imprimir popularizaria a cultura e garantiria a produção em massa da palavra impressa e a propagação do conhecimento para a sociedade, o que significava um abalo na autoridade da igreja, que defendia suas idéias como verdades absolutas e que para manutenção do seu poder mantinha os manuscritos encerrados nos mosteiros e nos conventos, longe da população.

Começava assim uma nova forma de pensar o mundo e o próprio existir (ou eu), modificando as interações sociais existentes. O texto ganhava uma nova forma de leitura, uma leitura mais objetiva, aberta a novas possibilidades de interpretação. O leitor deixava de ser passivo e tornava-se mais responsável por aquilo que lia, tornava-se ativo em seu contato com o texto. Afinal, como afirmam Koch e Elias (2010, p.18) “processamos, criticamos, contrastamos e avaliamos as informações que nos são apresentadas, produzindo sentido para o que lemos”.

Foram muitas as transformações ocorridas no processo de escrita e leitura, e todas elas atenderam às necessidades e exigências da sociedade em suas respectivas fases. No entanto, essas transformações não significaram uma negação/ruptura da forma anterior, mas, antes, “uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER, 1998, p. 13). Da argila ao texto impresso, novas atitudes são inventadas; outras se extinguem. As práticas leitoras são transformadas pelos novos suportes que evoluem aproveitando elementos importantes de seu antecessor. O livro moderno e o livro de Gutenberg se apropriaram da paginação, dos índices e da numeração do códice. A leitura, em forma de oratória, dos rolos de papiro, cede espaço à leitura silenciosa do texto impresso. As práticas de leitura mudam conforme os tempos e as razões de ler.

3- Suportes de leitura

De acordo com Marcuschi (2003, p. 25), “o suporte tem a ver centralmente com a idéia de um portador do texto, mas não no sentido de

transporte ou veículo, nem como um suporte estático e sim como um *locus* no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta.”

Sendo assim, o suporte tem um papel fundamental para que a escrita circule na sociedade de modo que os leitores possam fazer suas leituras. Ainda segundo esse autor, cada suporte possui fins comunicativos e é algo concreto, materializado, ou de realidade virtual, como no caso da Internet, onde o suporte é a própria tela do computador.

Já o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2005) registra o conceito de suporte como “o que suporta algo; aquilo em que algo se firma ou se assenta.” Esse conceito reafirma a ideia de que o suporte é um portador de texto (MARCUSCHI, 2003), ou seja, é o local onde o texto se assenta, se firma. Porém, o dicionário não dá conta totalmente do sentido de suporte, por atender apenas a conceitos técnicos e gerais dos vocábulos.

Há inúmeros suportes, assim como há inúmeros gêneros textuais. O surgimento de novos suportes resulta na criação de novos gêneros, ou em alguns casos, na transformação de um gênero em outro, como por exemplo, o *e-mail*, que com a criação do suporte digital e da internet aparece como um gênero derivado da carta pessoal ou do bilhete.

A leitura também sofre alterações conforme o suporte escolhido, um texto publicado em uma revista não será lido da mesma forma se publicado em um *outdoor*, como aponta Marcuschi (2003). O leitor quando faz a leitura do texto que se apresenta na revista, tende a ser mais concentrado, atento a detalhes, procurando se aprofundar mais na informação transmitida, enquanto a leitura do *outdoor* é feita a distância e muitas vezes de forma rápida sem atentar para maiores detalhes presentes no texto. Da mesma forma, há diferenças significativas na leitura de uma revista impressa ou em suporte digital. O suporte passa a interferir na relação do leitor com o texto, como podemos observar quando Marcuschi (2003, p.28) diz que:

(...) nós não operamos do mesmo modo com os textos em suportes diversos, mas isso não significa ainda que os suportes veiculem conteúdos diversos para os mesmos textos. O suporte não muda o conteúdo, mas nossa relação com ele, não só por permitir anotações, mas por manter um contato diferenciado com ele.

Resumindo a idéia de suporte, podemos dizer que ele é o local da realização de qualquer texto, onde o texto se concretiza, se materializa, abrindo caminho para outra realização: a leitura. O suporte apresenta o texto e o torna acessível ao leitor, além disso, ele é dinâmico, podendo modificar o gênero textual a que está atrelado, pois é influenciado pelo ambiente em que se situa.

Como há variados suportes circulando na sociedade, como afirma Marcuschi (2003), podemos citar alguns tipos de suporte que variam de acordo com seus usos e que, desde a antigüidade, fazem parte da vida das pessoas, manifestando-se de diferentes formas: das pinturas em cavernas até o papel impresso, e, finalmente, o ambiente virtual da Internet, na forma da tela de computador. Além desses principais suportes, há também o *outdoor*, o pára-choque de caminhão, a tela de um quadro, o quadro de giz, as lápides de mármore, entre outras.

A sociedade está rodeada de ambientes textuais e, assim, variados suportes, pois os usos da escrita se multiplicam em locais públicos, tendo como principal motivo passar algum tipo de informação que será decodificada e compreendida por algum leitor. E esse leitor está acompanhando as transformações ou adaptações que os suportes, assim como a escrita e a leitura, vêm passando desde o surgimento das tecnologias que colaboraram para a criação de um novo suporte que vem revolucionando o mundo atual: a tela do computador. E com essa nova tecnologia, apareceram novos leitores que, se não se adaptaram, estão se adaptando para acompanhar as mudanças que a sociedade mundial vem atravessando em virtude das exigências impostas pela globalização.

4- Considerações finais

Este artigo objetivou apresentar um breve histórico da evolução dos mecanismos da escrita com o objetivo de leitura, desde a época da argila ao papel e, deste, aos tempos atuais, através da leitura em tela. Vimos que os novos suportes de leitura introduzem novas formas de ler e processar a informação, pois dependendo do suporte ao qual o texto está atrelado, sua leitura sofrerá modificações, assim como o surgimento de novos suportes

permite a transformação de um gênero em outro. Com o advento da internet, o leitor pode ter acesso a diversos tipos de texto, de vários gêneros, em um mesmo suporte. Também vimos que as novas tecnologias têm causado uma grande revolução na forma de leitura nos tempos atuais.

É necessário que discutamos essas novas formas de leitura, a fim de que possamos formar leitores que se adaptem cada vez mais com maior rapidez à demanda que a leitura em tela traz.

Referências Bibliográficas

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

FISHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Ângela P. Dionísio. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.